

5ª PARTE

DISCURSOS

De Proletário a Imortal

Nirez ²⁸

Não me sinto à vontade falando nesta tribuna. Primeiro porque não sou um intelectual à altura dos membros desta casa; depois, pela grande responsabilidade de falar de meu pai, o ser que mais amei e admiro na face da terra; e terceiro porque sei que não vou conseguir me sair bem nessa empreitada, mas, como não poderia deixar de atender à solicitação da acadêmica Angela Gutiérrez, que pela segunda vez me faz convite para que eu fale nessa Academia, aceitei e como diz o ditado popular, “já tomei o bonde errado e vou até o fim da linha”.

Otacílio Ferreira de Azevedo era seu nome, chamado apenas de Otacílio de Azevedo por uns e por outros apenas de Otacílio, ou como sua mulher o chamava, apenas Ota. Foi funileiro, fotógrafo, desenhista, pintor, poeta e escritor, além de praticar a mecânica nas máquinas que possuía e que ele mesmo as consertava, um projetor Pathé Baby e uma vitrola Columbia e ainda fazia móveis para a casa, como mesas, cadeiras tamboretas, etc. Nas horas vagas fazia, de folha de flandres, pequenas painéis, bules, ferros de engomar, para minha irmã Maria Consuelo brincar. É bom lembrar que Otacílio sempre foi um pai amoroso e que nunca levantou a mão para bater em nenhum filho.

Além de tudo isto Otacílio era um humorista nato, em tudo ele colocava uma pitada de humor. Certa feita, levei um amigo para almoçar conosco e o rapaz era falante e contava muitas vantagens, assegurando conhecer todos os pássaros existentes na nossa fauna. Perto de nossa casa habitava um cidadão cujo ofício era o de vender leite in natura e por isto era conhecido na região como Agostinho Leiteiro. O rapaz, ao referir-se a vários pássaros disse conhecer de perto o martim pescador e meu pai lhe perguntou: -Você conhece o Agostinho Leiteiro? E o rapaz respondeu negativamente.

28 Pseudônimo literário de Miguel Ângelo de Azevedo

Quando ele trabalhava na *Light* pintando bondes, tinha um companheiro de trabalho conhecido por Cunha, que vivia se pabulando da farta vida que levava, onde em sua casa havia sempre uma mesa farta.

O Cunha

Eu tive um grande amigo, um belo moço,
que apesar de ser pobre, às vezes tinha
o orgulho de dizer sem mais sobrosso,
só passar a perus, frangos, galinha...

Convidou-me, um domingo, para o almoço,
e eis numa estreita e mísera banquinha,
uns três pratos de carne, arroz, um osso
e uma lata pequena de sardinha...

Depois de me dizer que, mesmo pobre,
passava a vida como gente nobre
toda a sopa no mel súbito cai...

Grita um menino que matava a fome:
– “Hoje sim, hein mamãe, a gente come,
como é bom este amigo do papai!”

De outra feita em uma bodega perto de onde morávamos havia uma saca de milho furada e bastante milho derramado na calçada e meu pai passando disse:

“Tanto milho derramado
Pela calçada todinha,
Quem dera em vez de poeta
Eu fosse agora uma galinha.”

Sua vida ele contou em versos jocosos no trabalho intitulado *Musa Risonha*, escrito em 1920. Começa descrevendo a si mesmo:

"Pediste-me, outro dia, o meu retrato.
- Ei-lo. Baixo, moreno, olhos tristonhos,
Onde se esboça um misterioso e grato
Sonho extraído de infinitos sonhos...

Sobrancelhas espessas. Fronte larga,
Afilado nariz, testa direita.
Expressão dolorosa... Boca amarga,
Num sorriso de angústia, contrafeita...

Sou um pouco corcunda... mas garanto
(embora seja frágil o meu físico)
Que nunca tive medo de quebranto
Nem receio também de morrer tísico!

Nasci no Monte Alegre - um lugarejo
Quatro léguas depois de Redenção.
Entretanto sou triste... e sempre vejo
Em vez da liberdade, a escravidão.

Não te convenço de que sou bonito,
Disto não tenha mínimos receios.
A mais de mil pessoas tenho dito
Que só cabeça e corpo tenho feios."

Meu pai deixou descendentes que felizmente não lhe fazem vergonha, mas digo sem medo de errar que se juntar o Rubens de Azevedo, a Maria Consuelo, o Nirez e o Sânzio, suas culturas não dão nem meio Otacilio de Azevedo.

Meu pai, dentro da poesia, da literatura, da fotografia, da funilaria, era maior que os outros similares simplesmente porque ele era um filósofo, transcendia a todas elas pela capacidade de brincar com cada uma de suas habilidades. Ele era o pintor que fazia versos, como

era o poeta que fotografava, o fotógrafo funileiro ou o funileiro que escrevia e o escritor que rimava e metrificava, como dizia ele, no método parnasiano-simbolista.

Suas biografias o dão como nascido em 1896 em Redenção, mas na verdade, dois anos depois de sua morte, um amigo meu, Aldo Santiago de Freitas, localizou nos arquivos da Catedral, seu batistério datado de 1892. Era portanto quatro anos mais velho do que supunha. Isto veio consertar algumas dúvidas que eu tinha, como quando seu pai faleceu ele tinha oito anos e passou a sustentar a família - isso não era possível - ele veio para Fortaleza em 1910 e ingressou na Fotografia Dinamarquesa, de Niels Olsen, trabalhando ao lado de seu irmão Júlio Azevedo, Herman Lima e Raimundo Varão, todos mais velhos que ele, pois ele teria apenas 14 anos - também não era possível - Com esse batistério as coisas entraram nos eixos.

Também em 1910, ano em que chegou a Fortaleza, juntamente com Gil Amora, Genuino de Castro, Carlos Gondim, Luiz de Castro, João Coelho Catunda, Carlos Severo, Paula Aquiles e Josias Goiana, fundou a Academia Rebarbativa, agremiação de boêmia e humorismo, de pilhéria e blague, mas que teve vida efêmera. Pela antiga data ele teria 14 anos.

Em 1918 tomou posse na cadeira nº26 do Grêmio Literário Cearense, sendo recepcionado por Pancrácio Lima.

Outra coisa admirável em meu pai é que ele foi autodidata, aprendeu a ler praticamente sozinho e em pouco tempo, pois seu primeiro poema, *Dentro do passado*, foi publicado em 1916. Quando ele chegou em Fortaleza era praticamente analfabeto.

Em 1924 participou da II Exposição de Pintura regional no Salão da Foto Walter, na Rua Guilherme Rocha, no centro de Fortaleza, com trabalhos seus, de Walter Severiano, dono do estabelecimento, Gerson Faria, Lauro Catunda Emme Guilherme, Queiroz e Sá Roriz. A exposição ficou conhecida como *Salon de 24*.

Em 1939 fomos residir na Vila Ventura e lá meu pai fez amizade com o José Augusto de Moura e juntos fundaram a Sociedade dos Amadores de Cinema, chegando a produzir alguns filmes.

Em 1941 abre-se o primeiro Salão Cearense de Belas Artes, no Palácio do Comércio, onde são expostos trabalhos dos pintores Mário Barata, Otacilio de Azevedo, Delfino, João Maria Siqueira e Rubens de Azevedo. Também em 1941 é encenada pela primeira vez a peça de Paurilo Barroso "A Valsa Proibida", no Theatro José de Alencar, com cenários feitos pelo meu pai. Ainda nesse ano de 1941 fundou-se, na sede do Centro Estudantil Cearense, o Centro Cultural de Belas Artes - CCBA, tendo como fundadores: Mário Barata, Gerson Faria, Expedito Branco, João Maria Siqueira, Antônio Bandeira, George Miranda, R. Campos, Índio Cordeiro, Clidenor Capibaribe "Barrica", Barbosa Leite e Otacilio de Azevedo.

Em 1946 ele abre na Rua dos Pocinhos nº32, a Fotografia Otacilio, local onde também haviam acontecimentos culturais, como a reorganização da Sociedade dos Amadores de Cinema e sessões da Sociedade Brasileira dos Amigos da Astronomia. Constantemente ali estavam fotógrafos, pintores, artistas em geral.

Seu trabalho como pintor de retratos e de paisagens foi reconhecido quando lhe foram encomendados dois enormes quadros a óleo que ainda hoje se encontram no salão nobre da Facic no terceiro andar do Palácio do Comércio; uma galeria de retratos de todos os governadores da Província e do Estado; e uma galeria de todos os delegados de polícia e secretários de segurança que passaram pela polícia. Isto sem falar nos quadros que vendeu para o exterior através de seu amigo Paurilo Barroso que tinha contato constante com vários países da Europa e América do Norte. Existe ainda hoje, na BBC de Londres, um quadro alegórico representando a presença da Inglaterra na Segunda Guerra Mundial, com a fachada daquela emissora ao lado da figura o Rei Jorge VI, pintado por meu pai.

Era frequentador constante do café oferecido pela Farmácia Pasteur na Praça do Ferreira, local onde se encontrava frequentemente com o engenheiro Antônio Ferreira Antero, Horácio Marques, João Moisés, João Adjafre, Raul Barbosa, Raimundo Freitas Ramos, Josias Correia, Vicente Roque, Alberto Bardawil e outros. Frequentava tam-

bém a porta da Livraria Imperial, de Clóvis Mendes, onde também eram frequentadores Raimundo Girão, Martinz de Aguiar, Silveira Marinho, João de Deus Cavalcante, Hugo Catunda, Carlos Studart, Batista Fontenele, Pedro Sampaio, Mozart Soriano Aderaldo e outros.

Mas era interessante quando ele se encontrava com um colega poeta que lhe saudava como grande pintor. Se encontrando com outro pintor, este o saudava como grande poeta. Ou seja, entre seus pares ele nunca foi reconhecido. Quando ele chegou a esta casa em 1969, Jader de Carvalho iniciou sua saudação dizendo que ele chegava com 40 anos de atraso. E vejam a coincidência, ele ocupou a cadeira 26, a mesma que ele ocupou no Grêmio Literário Cearense em 1918.

Minha maior satisfação quando eu iniciei meu trabalho de coleções, era encontrar coisas que dessem a meu pai a satisfação de rever ou reouvir aquelas músicas ou aqueles locais do passado onde ele tinha vivido sempre ouvindo músicas. Eu me sentia realizado quando dava a ele a satisfação de recordar através de uma gravação ou através de uma fotografia algum momento perdido de sua vida.

Em 1971 assim como eu fazia com os vultos importantes quando tinha oportunidade, fiz um depoimento com meu pai no dia 13 de novembro, na sua residência, na Rua Jaime Benévolo 757.

Eu não me atreveria aqui a demonstrar versos feitos por meu pai e comentá-los, pois além de não ser ensaísta, isto é da área do Sânzio, nunca a minha, mas sem julgamento dos versos, baseado apenas na ideia, sem dizer tratar-se ou não do melhor, cito apenas os que mais me agradam:

“Desejar é melhor do que possuir... A posse

É o ponto primordial da morte do desejo.

Mais doce ao pensamento é o beijo que se esboce

Que aquele que se dá em troca de outro beijo!”

É um quarteto do soneto “Desejar”

E também o soneto “Catavento”:

"Alto, de frente ao revoltoso oceano,
E exposto à eterna rispidez do vento,
Levanta-se ao prestígio soberano
Dos músculos de ferro, o catavento.

Pulsa-lhe a vida a cada movimento
E parece oxidar-lhe o desengano,
Quando se lhe transforma num lamento
Todo o seu vão clamor vezes humano.

Pregado ao solo, numa infinda mágoa,
De mil sonhos, talvez, sobre os escombros,
Chora, enchendo de pranto a caixa-d'água...

É que ele, preso à angústia de existir,
Sente a revolta de suster, aos ombros,
Asas de ferro, e não poder subir!"

Filosófico também é o soneto "Felicidade":

"Há não sei que anos luto e em vão perquiro
Os meandros do destino na ansiedade
De saber o suavíssimo retiro
Onde se esconde essa felicidade.

Será no oiro aos montões, na arte que admiro,
Ou na criança em tenra idade,
Ou no que morre ao último suspiro
Ou num beijo sensual dado à vontade?

Grito, porém só o eco me responde
E repercute na amplidão tranquila
O meu tremendo e irrespondível: onde?

Existe sim, mas num âmbito ignorado
E aquele que correr para possuí-la
Se julgar que é no amor, é um desgraçado!”

No dia 3 de abril de 1978 meu pai fecha os olhos para sempre, aos 86 anos de idade, após três anos de pertinaz moléstia. No mesmo ano o XXVIII Salão de Abril lhe presta homenagem naquela edição.

Em 1980 é lançado postumamente o livro *Fortaleza descalça*, que meu pai deixou pronto e que seus filhos levaram para a Coleção Alagadiço Novo, de Antônio Martins Filho, promoção da UFC e Prefeitura de Fortaleza.

Em 1983 são criados, em sessão na Câmara Municipal, várias homenagens a pessoas com a colocação de seus nomes em logradouros, entre elas a Rua Poeta Otacilio de Azevedo, que nunca chegou a se materializar.

Em 1991 no MAUC acontece uma exposição, a 1ª Fotoface, promoção da Associação dos Fotógrafos Autônomos do Estado de Ceará - Aface, em homenagem a meu pai.

No ano seguinte, 1992, é publicada uma biografia de meu pai, *Otacilio de Azevedo Meio Século de Pintura e Poesia* de autoria do cronista João Jacques Ferreira Lopes, que além de escritor também era pintor.

Em 1995 sai outra lei determinando a colocação em uma rua de Fortaleza do nome de Rua Otacilio de Azevedo, que também nunca foi materializada.

Em 2009 realiza-se uma exposição de seus trabalhos a óleo no MAUC, ocasião em que é lançado o livro *Arte Anfíbia: o caso Otacilio*

de Azevedo, de autoria do artista plástico Herbert Rolim e inaugura-se, no Arquivo Nirez, a Biblioteca Otacilio de Azevedo.

Neste ano, 2012, saiu, pela Secretaria de Cultura, mais uma edição do seu livro *Fortaleza Descalça*, livro que já tinha esgotada a 3ª edição e que era procurado pelos pesquisadores. Trago aqui dois exemplares para a biblioteca desta casa.

Penso ter feito assim uma visão geral do perfil de meu pai Otacilio de Azevedo, de quem muito me orgulho.

Muito obrigado.